

# História do Movimento Missionário

Justo Gonzalez

## Introdução

“Portanto, ide e fazei discípulos de todas as nações...”. Há poucos textos bíblicos tão conhecidos e citados quanto esse, frequentemente denominado de a “Grande Comissão”. Ao longo dos séculos, essas palavras de Jesus têm inspirado milhões de crentes a levar o Evangelho aos lugares mais remotos da Terra. Uns têm dado dinheiro; outros têm dado a vida. Uns foram bem recebidos; outros morreram como mártires nas mãos daqueles que esperavam evangelizar. Em obediência a essas palavras, igrejas têm sido estabelecidas; escolas e hospitais, construídos; injustiças, desfeitas; mulheres oprimidas por tradições ancestrais, libertas, como também se têm ensinado milhões de pessoas a melhorar suas criações, a cuidar de sua saúde e a ler. Muitos idiomas que só existiam em forma oral têm sido transcritos.

Se essa fosse toda a história, teríamos razões de sobra para nos gloriarmos e nos orgulharmos. Mas existe também o outro lado. Ao longo dos séculos, e até o dia de hoje, muitos cristãos fizeram uso, e ainda o fazem das palavras de Jesus para propósitos imperialistas ou lucrativos. Cristãos que, tomando o mandato missionário como índice de sua própria superioridade, e, com esse sentido de superioridade, têm destruído culturas e civilizações, estabelecido e defendido regimes despóticos, recorrido às armas para forçar os mais fracos a crer e justificado o injustificável.

Tais desmandos nem sempre foram cometidos por hipócritas que simplesmente desejavam aproveitar-se da fé cristã. Também foram cometidos por cristãos sinceros, convencidos de que a expansão de sua fé justificava suas ações e que com isso serviam a Deus. Convencidos da verdade de sua fé, muitos creram que isso também era índice da superioridade de sua cultura e, com esse sentido de superioridade, destruíram nações, violando identidades e oprimindo indefesos.

Tudo isso confere ao estudo da história das missões sua importância e urgência. A história da expansão do cristianismo é, por sua vez, inspiradora e aterradora, servindo-nos de chamado e advertência. Chama-nos a seguir a linha esplendorosa daqueles que antes de nós deram testemunho de sua fé. E adverte-nos do perigo de imaginar que, por sermos cristãos fiéis, não precisamos nos preocupar com as consequências de nossas ações e de nossas atitudes.

Nesse ponto, convém voltarmos à tão mencionada “Grande Comissão”. Tal como é frequentemente citada, a passagem começa com as palavras: “Portanto, ide...”. A conjunção “portanto” implica sempre um antecedente, uma razão para o que segue. Nesse caso, esse antecedente são as palavras do próprio Jesus: “Todo poder me foi dado no céu e na terra. Portanto ide...”. Em última instância, a razão pela qual os crentes devem ir a todas as nações não é por termos pena dos que se perdem, ou porque nossa cultura seja superior, ou por termos algo a lhes ensinar. A principal razão é o senhorio universal de Jesus Cristo. Jesus disse que já é o Senhor de toda a terra. Não há lugar onde ele não esteja. Não há lugar para o qual seja necessário que os crentes o leve. O Senhor que era no princípio com Deus, por quem todas as coisas foram feitas, e que é a luz que ilumina todo ser, já está lá. Está atuando nos indivíduos e nas culturas, ainda que não o conheçam, ainda que sua presença seja anônima. Nesse sentido, o que todos crentes fazem, ao dar seu testemunho, é convidar outros a crer,

levando-os ao conhecimento do nome de Jesus, de seus ensinamentos e de suas promessa. Mas não levar Jesus.

Se o Senhor Jesus já está ali ao chegarmos, isto quer dizer que, no empreendimento missionário, vamos ao encontro, não só de quem não crê, mas também de Jesus, em quem nós já cremos. Indo a esses lugares, onde ele nos disse que seu senhorio, apesar de desconhecido, é real, conhecemos um pouco mais dele e de seus propósitos. Assim, por exemplo, Pedro aprendeu um pouco mais do Evangelho ao pregá-lo ao pagão Cornélio e a igreja antiga aprendeu um pouco mais ao penetrar a cultura greco-romana.

Tudo isso significa que a história das missões, bem entendida, não é somente a história da expansão do cristianismo, mas também a história de suas muitas conversões – o que a Igreja já tem aprendido e descoberto em diversos tempos, lugares e civilizações.

Quando o grande historiador das missões Kenneth Scott Latourette completou os sete volumes de sua obra magna [em port.: Uma história do cristianismo, São Paulo, Ed. Hagnos, vls. 1 e 2, 2007.], podia assinalar que o grande acontecimento do século anterior (XIX) foi que, pela primeira vez, o cristianismo se havia tornado verdadeiramente universal, pois se encontrava presente em todas as regiões do Globo. Hoje, meio século depois, podemos dizer muito mais. A fé cristã não só está presente nos cantos mais distantes da Terra, como também é em vários desses cantos que mostra mais vitalidade e crescimento numérico. Na vida de Latourette, o cristianismo, mesmo que presente por toda parte, continuava sendo a religião do Ocidente, representada, em boa parte do restante do mundo, por pequenos grupos, muitos deles o resultado do empreendimento missionário ocidental, e, todavia, dependentes desse empreendimento. Atualmente, ao mesmo tempo em que a fé cristã parece estar perdendo terreno em seus antigos centros na Europa e na América do Norte cresce rapidamente na Europa e na Ásia. E na América Latina, onde, nos tempos de Latourette, o que havia era principalmente um catolicismo romano estancado e um protestantismo minoritário, hoje existe um catolicismo em vias de renovação e um protestantismo vigoroso que, em vários países, alcança mais da quarta parte da população.

Essas mudanças demográficas são uma mostra do movimento da fé cristã, do caráter contextual das comunidades da fé, da vitalidade que a fé descobre na margem ou na fronteira entre os povos, da diversidade de práticas e teologias missionárias e das diversas respostas ao Evangelho. Por isso esperamos que o nosso trabalho ajude a eliminar a visão do cristianismo como religião ocidental e a redescobrir seu caráter mundial, fronteiriço e transcultural. Em outras palavras, a vitalidade da fé cristã nos continentes do sul e do leste, no começo deste século, converte-se em um prisma para reler as teologias e práticas de outrora. Até mesmo, o fato de sermos observadores e participantes do caráter missionário cristão transcultural nos proporciona uma lente particular para descobrir novos agentes, novas teologias e novas práticas missionárias que quebram a concepção do movimento cristão como algo unidirecional, patriarcal, imperialista, capitalista, exclusivo, burocrático e rígido. A questão missionária revela uma dinâmica multidirecional cheia de complexidades e lutas, que refletem e demandam um marco interpretativo coerente e justo. Nesse sentido, nossa história não é de triunfo eclesial, mas de encruzilhadas e complexidades que têm afinidades com a cruz, e de transformação e esperança que deixam ver um lampejo da ressurreição.

Pois bem, se esta História das missões há de servir de ferramenta para reflexão tanto das disciplinas acadêmicas como para a igreja, necessitamos esclarecer critérios, princípios e limitações que guiam este trabalho.

-----

## B. A história da igreja e a história das missões

A história da Igreja e a história das missões não deveriam se separar. A reflexão crítica sobre a vida da igreja, seja na liturgia, seja na teologia ou nas práticas pastorais, não se deve isolar da reflexão crítica sobre a extensão da fé cristã por parte do povo de Deus em lugares aonde a igreja chega pela primeira vez ou onde se insere como agente de renovação. Infelizmente, a própria definição das disciplinas – História da Igreja e História das Missões – mostra uma dicotomia, uma estrutura bipolar que parece negar a unidade entre igreja e missão, insinuando que há certos capítulos na vida da igreja que são parte de sua verdadeira “história” e outros que somente são parte de sua “missão”.

Essa concepção bipolar da história da missão da igreja manifesta o caráter eurocêntrico das duas disciplinas conforme elas se têm desenvolvido tradicionalmente. Assim, por exemplo, o conflito dos primeiros cristãos com o Império Romano é estudado na História da Igreja, mas o conflito entre os cristãos e o Império Persa é estudado – se é que se estuda – em outra disciplina. O que ocorreu na Alemanha no séc. XVI é parte da história da igreja, mas o que ocorreu no México ao mesmo tempo não é. O “Grande Despertar” na América do Norte, no final do séc. XVIII – o Great Awakening – é parte da história da igreja, mas o avivamento pentecostal no Chile, no princípio do séc. XX, não é. Certamente, é hora de corrigir essas perspectivas, ou pelo menos de começar a tentar.

Esta obra não espera romper a estrutura bipolar das disciplinas históricas. Contudo, desejamos contribuir com uma tarefa histórica que leve em conta a completa relação de interdependência e impacto mútuo que existe entre o centro e a periferia – entre o que tradicionalmente se tem estudado na História da Igreja e o que se inclui nesta História das missões. Isso certamente é tarefa de toda uma geração de historiadores – e de historiadores que representam uma variedade de perspectivas e de contextos. Portanto, oferecemos este livro como remédio provisório, como lembrete sobre a imensa tarefa que, todavia, fica por fazer.

Visto que estamos convencidos de que a tarefa histórica necessita integrar a “história da igreja” com a “história das missões”, fazendo de ambas uma “história da igreja em missão”, em vários casos aludimos a essa relação e a interação complexa que existe entre a atividade missionária na margem e a vida da igreja no centro, de onde se inicia a atividade missionária. Um exemplo que ilustra o interesse em enfrentar tal problema metodológico, essa bipolaridade histórica, encontra-se no capítulo sobre as missões na Idade Antiga. Nesse capítulo, ilustramos como as missões até os “bárbaros” e grupos celtas transformaram as práticas missionárias aceitas, que o centro havia dado por normativas. É importante destacar, não obstante, que a ênfase não está nas condições e nos processos que contribuem para a transformação da política missionária do centro – se esse fosse o caso, este livro seria, pelo contrário, a história do pensamento missiológico – mas sim na atividade, nos protagonistas e nas condições na margem dos territórios cristãos, ou seja, uma história das missões.

Esperamos que chegue o dia em que não seja necessário estudar nem escrever a história das missões separadamente da história da igreja. Além do mais, no último capítulo desta História mostraremos porque cremos que esse dia chegou, e que se alguns não perceberam isso se deve a certa miopia de que os “centros” sempre sofrem. Por enquanto, os currículos e os programas de estudo da maioria das instituições de educação teológica, assim como a formação de boa parte do corpo docente, tendem a estudar a história da igreja “a partir do

centro”, como se somente o que ocorre no centro tivesse importância. Enquanto não se supera essa postura, será necessário insistir no estudo da história das missões para, pelo menos, recordar-nos constantemente que o “centro” – ou os centros – existe em virtude da periferia, e que boa parte da realidade cristã fica excluída quando somente nos ocupamos do que ocorre neles – centros de recursos econômicos, de estudos teológicos etc.

Um segundo efeito que tem tal bipolaridade histórica é uma interpretação exponencial do crescimento da fé cristã. Dá-se por certo que a fé cristã cresce, cresce e cresce, tal como um balão cresce e se expande quando se sopra o ar. Isso pressupõe um movimento unidirecional e homogêneo conforme o “centro” vai ampliando seu território sem mudança alguma.

Esta história do movimento cristão afasta-se de tal visão do crescimento cristão, unindo-se às vozes crescentes e inovadoras de historiadores em todas as partes do mundo, para aliada a elas propor o seguinte: 1) O movimento do cristianismo é em série. A fé move-se do centro à periferia, transformando tanto a periferia quanto o centro e criando novos centros que retomam seus movimentos até a periferia (que muito bem pode ser um antigo centro). 2) Esse movimento afeta a tarefa teológica e a vida das comunidades da fé tanto no centro quanto na periferia. 3) A atividade missionária da periferia mostra grande vitalidade por causa de inserções da chamada atividade com culturas não-ocidentais, ricas em diversidade religiosa, étnica e teológica, como também por seu contexto de lutas de classes em prol da justiça de grupos oprimidos, tais como mulheres e crianças. 4) O cristianismo está adquirindo uma configuração mundial, transcultural e contextual que requer novas lentes para observar e novas penas para escrever a história da Igreja.

Se ainda por algum tempo será necessário estudar em separado a história das missões para não esquecer o caráter global da igreja, há uma razão muito prática para revisar e escrever esta História das missões: em nossa opinião, não existe uma história das missões que seja abrangente e geral. Há uma escassez de material que disponibilize, particularmente a estudantes, líderes nas igrejas e instituições missionárias, um panorama geral que sirva para ilustrar o mosaico que compreende a história da transmissão do evangelho. Não pretendemos aqui descrever em detalhes todas as partes do mosaico. No entanto, esperamos que os leitores: 1) Reconheçam a variedade desse mosaico que é a igreja universal e a história de suas origens; 2) Sejam informados e reflitam sobre essa variedade; 3) Aceitem o desafio de ir além do que aqui se diz, ampliando seus horizontes mediante experiências de contatos com outros setores do cristianismo mundial, e 4) Descubram outros ângulos para observar, estudar e desfrutar a gloriosa variedade do povo de Deus, que alcança toda tribo, língua e nação.

### C. A teologia pastoral, a história das missões e o povo de Deus

A Teologia Pastoral integra muitas outras disciplinas à tarefa pastoral. A Missiologia, e também a História da Igreja e a História das Missões, em certas ocasiões precisa ser situada no contexto pastoral. Quando falamos de “pastoral”, não queremos limitá-la ao ministério ordenado. Antes nos referimos a todo trabalho e reflexão que busque descobrir e integrar conhecimentos e contribuições de diversas disciplinas da vida da comunidade da fé. Com relação a este projeto da história das missões, a teologia pastoral busca encontrar respostas para a pergunta: como a história das missões contribui para a vida da Igreja em sua luta para ser fiel ao evangelho de Jesus Cristo, sendo um sinal do Reino de Deus no mundo? Algumas respostas possíveis a essa pergunta são:

Primeiro, a história das missões ajuda o povo de Deus a descobrir e aceitar que as “missões” têm estendido a fé cristã além das fronteiras da cristandade e dos centros onde a fé tem raízes

desde os tempos antigos. Nessa história, encontramos crentes – uns com título de “missionário”, outros sem ele – cuja fé tem uma urgência e um imperativo por compartilhar sua experiência de Deus. Veremos algo sobre os desafios, as ambiguidades, as lutas, os triunfos, as frustrações e as esperanças que tal vocação engendrou. Seremos testemunhas de muitos triunfos, mas também de muitas derrotas; de muitas visões proféticas, mas também de muitas visões torcidas; de muitos benefícios, mas também – confessemos – de muitos danos.

Segundo, a história das missões ilustra a diversidade e a riqueza que existem nas “missões”. Essa história dá evidência de que as missões não foram, não são, nem serão uma atividade homogênea, unidirecional e com apenas um padrão. Pelo contrário, essa história testifica a liberdade soberana do Espírito Santo e a capacidade – ou a incapacidade – de discernimento de milhares de crentes que, estando à margem dos centros da teologia e da ordem eclesiástica, têm tratado de comunicar o evangelho e estabelecer a ordem da igreja cristã onde estes não existiam e onde havia “deficiências” nessa ordem.

Terceiro, a história das missões lembra-nos de que a atividade missionária, por parte do povo de Deus, nem sempre cumpre com as mais altas exigências e com o entendimento do Evangelho de Cristo. Como aqui se lerá, não são poucas as ocasiões em que a história das missões é também uma história de atropelo, de genocídio, de abuso de poder e de pecado. Essa dimensão na história das missões pretende, por um lado, relativizar a atitude triunfalista que, em certas ocasiões, tem animado e até constrangido as obras missionárias da igreja, e que lhe tem permitido continuar cometendo muitos erros do passado; por outro lado, pretende alertar a igreja para uma reflexão crítica e cautelosa da nossa atividade missionária.

Em quarto lugar, e no outro extremo, a história das missões celebra o acervo das gestões missionárias – sem perder uma atitude crítica – até o ponto de recuperar estilos, estratégias e teologias que caracterizaram as missões saudáveis e que podem ajudar a formar uma nova geração de crentes missionários. Assim como é importante questionar e repudiar as práticas missionárias que põem em perigo a integridade do evangelho, também é importante celebrar as missões que continuam desenvolvendo uma consciência histórica, uma atitude crítica, uma voz profética e uma busca de fidelidade ao evangelho na atividade missionária cotidiana.

Finalmente, a história das missões ilustra a diversidade do povo de Deus, sua extensão sobre a face da terra e a promessa de que essa fé não ficará circunscrita a algumas culturas ou regiões geográficas, mas que avança por todo o mundo como testemunho vivo da vitalidade da fé do povo de Deus. As missões são o testemunho da atividade do povo de Deus no mundo com todo tipo de pessoas e em todas as circunstâncias. São testemunho do risco que Deus tem aceitado ao compartilhar com seu povo a tarefa de salvação e reconciliação, nunca esgotando caminhos novos para dar a conhecer o evangelho. São também testemunho da diversidade do povo de Deus e, ao mesmo tempo, da luta por discernir a atividade de Deus no mundo – e de fazê-lo com humildade e confiança em Deus. São testemunho da interdependência da comunidade da fé ao redor do mundo e da dependência da comunidade em Deus, protagonista de toda atividade missionária.